

inCantare

Volume 6 N. 2 - Jul. / Dez. 2015 - ISSN 2317-417X

Panorama nacional das publicações de musicoterapia do Transtorno do Espectro Autista (TEA) - de 2005 a 2015

Josane Moreira Gonçalves de Araújo¹

Noemi Nascimento Ansay²

RESUMO - Este artigo refere-se a uma pesquisa bibliográfica sobre a temática Musicoterapia e Transtorno do Espectro Autista (TEA), no período de 2005 a julho de 2015. As fontes pesquisadas foram: SciELO, Portal Periódico Capes, Google Acadêmico, Revista Brasileira de Musicoterapia e os Anais de Simpósio Brasileiro de Musicoterapia *online*. Foram incluídos no levantamento da pesquisa: um livro e um capítulo de um livro, escritos por profissionais musicoterapeutas e que tratam da temática pesquisada. O retorno das publicações evidenciou as diversas formas de aplicabilidade musicoterapêutica com essa clientela. As pesquisas mostraram que a improvisação musical, no atendimento a crianças com TEA, tem se caracterizado como uma forma de intervenção fundamental no processo musicoterapêutico.

Palavras-chave - Musicoterapia. Transtorno do Espectro Autista. Pesquisa Bibliográfica.

122

1 Discente do curso de Bacharelado em Musicoterapia da UNESPAR – campus II - FAP, currículo lattes: <<http://lattes.cnpq.br/5566351490607382>> Contato: <nenzaraujo@gmail.com>

2 Orientadora, docente do curso de Bacharelado em Musicoterapia da UNESPAR – campus FAP, currículo lattes: <<http://lattes.cnpq.br/2522951277654216>> Contato: <noemiansay@gmail.com>

Broad overview on brazilian publications regarding Music Therapy for Autistic Spectrum Disorder (ASD) - from 2005 through 2015

Josane Moreira Gonçalves de Araújo

Noemi Nascimento Ansay

ABSTRACT - *This article refers to a bibliographic research about the Music Therapy and Autistic Spectrum Disorder (ASD) themes within the period of 2005 to July 2015. The searched sources were SciELO, Capes Periodical Portal, Scholar Google, Brazilian Journal of Music Therapy and the Online Music Therapy Brazilian Symposium. The research survey of a book and a chapter of a book written by professional music therapists who deal with the researched themes were included. The return of the publications has showed the several forms of music therapy applicability with this clientele. The research has showed that the Music Improvisation during the work with children with ASD has been characterized as a fundamental way of intervention on the therapeutic process development.*

Keywords - *Music Therapy. Autistic Spectrum Disorder. Bibliography Search.*

Apresentação

O presente artigo trata de um levantamento de publicações nacionais de musicoterapia a respeito do Transtorno do Espectro Autista (TEA), como proposta de trabalho de conclusão de curso do Bacharelado em Musicoterapia da UNESPAR – Campus de Curitiba II – Faculdade de Artes do Paraná, no ano de 2015, e constituiu-se em uma pesquisa bibliográfica, referente ao período de 2005 a julho de 2015. As buscas pelos textos ocorreram por meio das fontes: SciELO, Portal Periódico Capes, Google Acadêmico, Revista Brasileira de Musicoterapia, Anais de Simpósio Brasileiro de Musicoterapia.³

Neste trabalho, 15 publicações foram consideradas adequadas à temática pesquisada. Optamos por elaborar uma síntese após a leitura dos textos e em seguida foram categorizadas por similaridade dos objetivos, da metodologia ou das formas de abordagens utilizadas em cada trabalho. As possíveis temáticas encontradas foram: intervenções da musicoterapia com crianças com TEA; musicoterapia improvisacional no atendimento a crianças com TEA; musicoterapia aplicada no TEA: revisão sistemática; autismo sob visão psicanalítica no contexto musicoterapêutico; musicoterapia vibroacústica e síndrome de Rett; experiência musicoterapêutica no TEA: teoria, prática e teatro. Após categorização foram destacados em quadros os autores e ano, os objetivos, delineamento metodológico e experiências sonoro-musicais para melhor visibilidade de cada trabalho e comentados posteriormente.

Os resultados apresentados em cada pesquisa não foram enfatizados neste artigo, pois entendemos que, além dos resultados serem específicos e exclusivos de cada intervenção com os participantes com TEA, o presente trabalho não envolve uma meta-análise, pois não condiz com a pesquisa bibliográfica.

Identificamos que, independente da escolha de abordagens apresentadas nos trabalhos (musicoterapia psicodinâmica, musicoterapia improvisacional, modelo músico-centrado e psicanalítica), a improvisação musical se caracterizou como uma forma de intervenção fundamental no atendimento a crianças com TEA.

Tal argumento confirmou o posicionamento dos autores, Gattino (2015) e Craveiro de Sá (2003), sobre a eficácia do fazer musical a partir da improvisação: oportuniza abertura de caminhos para a aproximação da pessoa com TEA e cria

³ Artigos disponíveis na internet.

possibilidades para o desenvolvimento de potenciais da criança autista, dentro das particularidades de cada uma, independente de abordagens escolhidas para o direcionamento do trabalho.

A ampla possibilidade de intervenções e o saber intervir exigem conhecimentos específicos da área da musicoterapia que contribuem para o desenvolvimento do processo musicoterapêutico no TEA, assim, diante disto surgiu o interesse por esta temática a partir do atendimento clínico a uma criança com autismo, no Centro de Atendimento e Estudos em Musicoterapia “Clotilde Leinig” – CAEMT no ano de 2015.

Ao aproximar-nos desse contexto houve o questionamento sobre os trabalhos desenvolvidos sobre essa temática, bem como a aplicabilidade musicoterapêutica com essa clientela.

Transtorno do Espectro Autista

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), segundo a *American Psychiatric Association* – APA (2014), é um transtorno do neurodesenvolvimento, caracterizado por déficits na comunicação, dificuldades de interação social e os padrões de comportamento e de interesse em atividades são repetitivos e restritos, [...] “engloba o transtorno autista (autismo), o transtorno de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância, o transtorno de Rett e o transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação do DSM-IV”. (DSM-5, 2014. p. 809).⁴

125

Salientamos que esta pesquisa não teve como foco apresentar o TEA em detalhes, mas vale lembrar que o mesmo é categorizado dentro do espectro em três níveis⁵, a partir da gravidade dos sintomas. (RAPOSO; FREIRE; LACERDA, 2015).

Ainda que uma criança com TEA se classifique dentro de um mesmo nível do espectro, elas apresentam suas particularidades como qualquer criança que se difere uma da outra, mas todas evidenciam características comuns conforme já mencionadas.

4 Ressaltamos que o DSM - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - é um compêndio elaborado pela APA e tem por objetivos orientar médicos para fornecer um diagnóstico formal, neste caso, a população com TEA.

5 A classificação dos níveis é feita de acordo o comprometimento nos prejuízos na comunicação social e nos padrões dos comportamentos restritos e repetitivos e são entendidos também como leve, moderado e grave.

Musicoterapia e a prática musicoterapêutica no Transtorno do Espectro Autista.

A musicoterapia se caracteriza pelo processo sistemático de intervenções com objetivos terapêuticos e se utiliza de experiências musicais (improvisação, recriação, composição e audição) como agentes mediadores da interação relacional no processoterapêutico; tais interações são entendidas como toda e qualquer ação criada por meio das experiências musicais e que possibilitam mudanças significativas para a saúde do cliente, de aspectos comportamental, emocional, fisiológico, entre outros, as quais são ocasionadas por esse processo. (BRUSCIA, 2000).

A especificidade da musicoterapia a difere de outras áreas e especialidades por basear-se nessas experiências e por conferir ao musicoterapeuta um saber e procedimentos musicoterapêuticos que são próprios e específicos dessa área, assim, este profissional não pode ser substituído por nenhum outro. (COSTA, 2009).

Desta forma, a aplicabilidade da musicoterapia se torna possível em variados contextos, inclusive atendimento a pessoas com TEA. De acordo com Gattino (2015), desde a década de 1950, os musicoterapeutas adaptavam atividades rítmicas e de educação musical, para alcançar objetivos terapêuticos diversos, tanto em grupos como em atividades individuais. Pessoas com autismo demonstravam interesse por esse fazer musical, mas havia poucas evidências sobre o efeito benéfico dessas intervenções e, a partir disso, em 1969, Stevens e Clark testaram e publicaram o primeiro estudo experimental sobre o tema.⁶

Naquele ano, a musicoterapia já havia iniciado no Brasil⁷. Segundo Costa (2006), na década de 1980, Ruth Loureiro Parames iniciou um trabalho experimental com autista⁸. [...] “a musicoterapia seria o atendimento mais adequado para que os canais de comunicação fossem abertos ou reabertos.” (COSTA; CARDEMAN 2006, p.59)⁹. A mesma autora, Costa, no início de sua prática clínica em musicoterapia e

6 Stevens E, Clark F. Music therapy in the treatment of autistic children. J Music Ther. 1969.

7 A introdução da musicoterapia no Brasil ocorreu na área da psiquiatria com o trabalho de Ruth Loureiro Parames (1955), no Centro Psiquiátrico Nacional, atualmente, Instituto Municipal Nise da Silveira, RJ.

8 Trabalho realizado com “autista secundário” por Ruth Loureiro Parames em 1983, mas foi suspenso em 1986 devido aproximação de sua aposentadoria.

9 Doris Hoyer de Carvalho cita depoimento de Ruth Loureiro Parames em 14 de outubro de 2004 à Clarice Moura Costa e Clarice Cardeman.

autismo, observou que as experiências musicais potencializavam o relacionamento com o autista e o instrumento musical intermediava esse contato, oferecia proteção e permitia a aproximação gradual e espontânea da criança junto ao terapeuta. (COSTA,1992).

Craveiro de Sá (2003) enfatiza a eficácia desta terapia na promoção de abertura de canais de comunicação para proporcionar mudanças significativas na vida do autista, em todos os contextos: terapêutico, educacional, nos ambientes social e familiar, entre outros. Esses canais de comunicação, em musicoterapia, não se atem somente ao discurso verbal, mas em todas as expressões que traduzem a forma de ser e estar no mundo.

Independente do contexto aplicado, as experiências musicais têm propósitos essencialmente terapêuticos: são denominadas como métodos de intervenção musicoterapêutica e, quando ocorre uma abordagem sistemática, adotando um ou mais métodos, utilizando-se de técnicas com fundamentação teórica específica, aplicada a uma determinada clientela, cria-se um modelo. (BRUSCIA, 2000).

Gattino (2015) afirma que o musicoterapeuta poderá caracterizar a forma de atender, reunindo elementos de vários modelos, no entanto, o mais importante não é referenciar-se a eles, mas a experiências musicais e conhecimentos inerentes à musicoterapia que fundamentam o processo musicoterapêutico e sua aplicabilidade no atendimento da pessoa com TEA. Da mesma forma, ressalta Craveiro de Sá (2003), sobre a autonomia de escolhas de abordagens que a prática musicoterapêutica propõe para o atendimento da criança autista.

Entre os diversos meios de intervenções, a musicoterapia “inter-ativa”¹⁰ se baseia em experiências musicoterapêuticas relacionadas à improvisação musical a qual se destaca entre as demais, (CRAVEIRO, 2003), oportuniza uma interação relacional e cria possibilidades para desenvolver potenciais com segurança e confiança.

Vale lembrar que cada criança autista tem suas singularidades no jeito de estar e de se apresentar, independente do contexto em que esteja inserido, e as formas de intervenção e estratégias a serem utilizadas dependerão da capacidade do

10 Termo utilizado por Barcellos referente ao fazer musical.

musicoterapeuta em observar estas particularidades e intervir da forma mais adequada possível, para possibilitar a expressão, verbal e não verbal da criança autista, com criatividade, espontaneidade e planejamento. (GATTINO, 2015).

Caminho metodológico

A pesquisa bibliográfica, segundo Marconi; Lakatos (2007), abrange toda a bibliografia de domínio público referente ao tema escolhido para o estudo. Envolve publicações avulsas, livros, teses, monografias, revistas, entre outras. Possibilita colocar o pesquisador em contato com tudo o que já foi estudado sobre determinado assunto.

Sendo assim, o presente trabalho teve como objetivo fazer um levantamento das publicações nacionais de musicoterapia sobre o TEA por meio de pesquisa bibliográfica publicada no período de 2005 a julho/2015, em cinco fontes de busca: SciELO, Portal Periódico Capes, Google Acadêmico, Revista Brasileira de Musicoterapia, Anais de Simpósio Brasileiro de Musicoterapia disponíveis na internet. Foi incluído no levantamento da pesquisa, um livro e um capítulo de um livro, escritos por profissionais musicoterapeutas e que tratam da temática musicoterapia e TEA.

Critérios de inclusão e fontes pesquisadas

Após definição do tema e fontes de buscas delimitadas, foram definidos alguns critérios de inclusão para esta pesquisa: publicações nacionais; trabalhos realizados e publicados na íntegra no período de 2005 a julho/2015 sobre a temática pesquisada, no idioma português; pesquisas elaboradas por profissionais musicoterapeutas habilitados.¹¹

Posteriormente iniciaram-se as buscas com as palavras “musicoterapia e transtorno do espectro autista” e “musicoterapia e autismo” de forma combinada. No SciELO, em pesquisa de artigos, foi refinada a busca com as palavras “musicoterapia e autismo” (01 publicação). Para os trabalhos selecionados no periódico Capes utilizou-

¹¹ A habilitação do musicoterapeuta ocorre através do curso de graduação de 4 anos em musicoterapia, ou de especialização em Musicoterapia.

se o filtro em busca avançada, no período relacionado, com as palavras “musicoterapia e autismo” (03 publicações). No Google acadêmico teve o mesmo critério de busca, acrescido da filtragem no idioma português, e resultou em 614 publicações, por esta razão, fez-se necessária uma pré-seleção diretiva e foi examinada cada trabalho com base nos critérios de inclusão mencionados acima, logo, 586 trabalhos foram excluídos, entre os quais: pesquisas elaboradas por profissionais não musicoterapeutas; publicações que mencionavam as palavras “musicoterapia” e “autismo”, mas de formas isoladas, não se referiam à temática pesquisada e 28 publicações foram selecionadas para leitura. Com as palavras combinadas “musicoterapia e transtorno do espectro autista” houve menor retorno de publicações. Sendo assim, optou-se em considerar “musicoterapia e autismo” devido à sua maior abrangência.

Na Revista Brasileira de Musicoterapia e nos Anais de Simpósio Brasileiro de Musicoterapia as publicações foram filtradas através das palavras-chave dos textos relacionados. O acesso aos livros foi de forma manual após conhecimento das edições publicadas.

Fontes	Selecionados	Primeira verificação	Listados para leitura	Incluídos	Excluídos
Diretório de Revistas SciELO	1	1	X	X	X
Portal Periódicos Capes	3	X	3	1	2
Buscador Google acadêmico	28	22	6	6	X
Revista Brasileira de Musicoterapia	6	X	6	5	1
Anais de Simpósio Brasileiro de Musicoterapia disponíveis <i>online</i>	2	X	2	1	1
Total	40	23	17	13	4

QUADRO 01 - Número de trabalhos revisados sobre musicoterapia e o Transtorno do Espectro Autista. (2005 a jul/2015). Fontes: Capes; Google Acadêmico; Revista Brasileira de Musicoterapia; Anais - XIV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia.

Após leitura de reconhecimento do tema que, segundo Marconi; Lakatos (2003, p.22), [...] “é procurar um assunto de interesse ou verificar a existência de determinadas informações”, foram pré selecionados 40 textos e posteriormente filtrados por meio das palavras-chave dos textos relacionados. 23 publicações não apresentaram os termos musicoterapia e autismo como palavras-chave, portanto, foram excluídas. Das

17 publicações selecionadas para uma leitura exploratória que, de acordo com o autor, é uma leitura de sondagem para identificar o conteúdo, 4 publicações foram excluídas, entre elas: 3 publicações não eram de profissionais musicoterapeutas e 1 artigo de acadêmicas em formação e 13 publicações consideradas adequadas ao tema. Para as publicações duplicadas foram mantidas as ordens apresentadas na metodologia.

Nesse processo de busca foram incluídos o livro e o capítulo do livro que abordam a temática pesquisada e escritos por profissionais musicoterapeutas.

As 15 publicações incluídas neste trabalho foram: 10 artigos, 1 tese de doutorado, 2 dissertações de mestrado, 1 livro na íntegra e 1 capítulo de um livro que abordam a temática já mencionada.

Síntese e categorização dos trabalhos revisados

Após leitura dos textos elaboramos uma síntese e categorizamos por temas para comentá-los e, para melhor visibilidade, alguns dados foram destacados em quadros, tais como: autor e ano, objetivos, delineamento metodológico e as experiências sonoro-musicais. As categorizações dos temas foram elaboradas por critérios: similaridade dos objetivos

(clínicos ou dos trabalhos), metodologia e abordagens – sempre nessa ordem. Desta forma, evidenciamos as possíveis temáticas: intervenções da musicoterapia com crianças com TEA; musicoterapia improvisacional no atendimento à criança com TEA; musicoterapia aplicada no TEA: revisão sistemática; autismo sob visão psicanalítica no contexto musicoterapêutico; musicoterapia vibroacústica e síndrome de Rett; experiência musicoterapêutica no TEA: teoria, prática e teatro.

130

Intervenções da musicoterapia com crianças com TEA.

As diversas formas de intervenções da musicoterapia permitem desenvolver um trabalho dinâmico e criativo. Entretanto, a escolha mais adequada de abordagem propicia melhor desenvolvimento no processo musicoterapêutico com crianças com TEA. Dentre essas possibilidades foram encontrados cinco trabalhos: Aragão (2014); Sposito; Cunha (2013); Gattino (2012); Abadia *et al* (2009) e Prestes (2008).

Título	Autor (es) / Classificação	Data	Fonte
Protocolo de Atendimento de Musicoterapia Improvisacional musicocentrada para crianças com autismo.	FREIRE, M; MOREIRA, A; KUMMER, A (Artigo)	2015	Revista Brasileira de Musicoterapia
Musicoterapia e autismo: teoria e prática.	GATTINO, G. S. (Livro)	2015	Ed. MEMNON
O envelope Sonoro e o Palming: a integração entre o toque e o canto como base da relação com uma criança autista.	ARAGÃO, L. M (Artigo)	2014	Revista Brasileira de Musicoterapia
Musicoterapia Improvisacional Aplicada à Comunicação Pré-Verbal de Crianças com Transtorno do Espectro Autista: Ensaio Controlado Randomizado.	FIGUEIREDO, F. G. (Dissertação Mestrado)	2014	Google Acadêmico
Musicoterapia Aplicada à Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): uma revisão sistemática.	BRANDALISE, A (Artigo).	2013	Revista Brasileira de Musicoterapia
A Musicoterapia e o Teatro: uma proposta de intervenção social e profissionalizante do indivíduo com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) (estudo e prática de Musicoterapia musicocentrada).	BRANDALISE, A. (Capítulo de um livro)	2013	Ed. Papyrus
Voz na Clínica do Autismo: Análise de Discurso, Musicoterapia e Psicanálise.	CIRIGLIANO, M. M.S (Artigo)	2013	Google Acadêmico
Musicoterapia para Angel: Autismo, Ritmo e um Espaço-Tempo de Ser.	SPOSITO, M. S. CUNHA, R. (Artigo)	2013	Revista Brasileira de Musicoterapia
Musicoterapia Vibroacústica na Associação Brasileira de Síndrome de Rett (Abre-te/SP).	CARRER, L. R. J; LIRA, V. S. (Artigo)	2012	Anais - XIV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia
Contribuições da análise de Discurso e da Psicanálise aos Discursos do autismo.	CIRIGLIANO, M. M.S (Artigo)	2012	Google Acadêmico
Musicoterapia aplicada à avaliação da comunicação não verbal de crianças com TEA: revisão sistemática e estudo de validação.	GATTINO, G. S. (Tese de Doutorado)	2012	Capes
A escuta psicanalítica de uma criança autista.	LOPÉZ, A. L. L. (Artigo)	2010	Google Acadêmico
Musicoterapia e Síndrome de Asperger: relato de experiência.	ABADIA, et al. (Artigo)	2009	Revista Brasileira de Musicoterapia
A Influência do Tratamento Musicoterapêutico na Comunicação de Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).	GATTINO. G. S (Dissertação Mestrado)	2009	Google Acadêmico
Musicoterapia: estudo de caso de uma criança autista.	PRESTES, C. M (Artigo)	2008	Google Acadêmico

QUADRO 02 - Trabalhos revisados e considerados adequados ao tema pesquisado. Fontes: Capes; Google Acadêmico; Revista Brasileira de Musicoterapia; Anais - XIV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia; Ed. Memnon; Ed. Papyrus.

Intervenções da musicoterapia com crianças com TEA.

As diversas formas de intervenções da musicoterapia permitem desenvolver um trabalho dinâmico e criativo. Entretanto, a escolha mais adequada de abordagem propicia melhor desenvolvimento no processo musicoterapêutico com crianças com TEA. Dentre essas possibilidades foram encontrados cinco trabalhos: Aragão (2014); Sposito; Cunha (2013); Gattino (2012); Abadia *et al* (2009) e Prestes (2008).

Luís de Moura Aragão (2014). **O envelope Sonoro e o *Palming*¹²: a integração entre o toque e o canto como base da relação com uma criança autista.** No artigo, o autor inicialmente descreve as características da criança e o envolvimento desta com a musicoterapia, anterior ao trabalho que estava sendo realizado, e as duas etapas na construção da relação terapêutica referente à pesquisa corrente: observação e espelhamento dos padrões de movimento sonoro-corporal durante as sessões e o diálogo tônico-afetivo¹³, através da integração do toque com o canto.

Mariângela Sposito da Silva e Rosemyriam Cunha (2013). **Musicoterapia para Angel: Autismo, Ritmo e um Espaço-Tempo de Ser.** O artigo apresenta aspectos referentes às manifestações corporais e rítmicas cadenciais espontâneas de um menino com sintomas leves de autismo. Propõe investigar se as manifestações rítmicas cadenciais¹⁴ e as situações lúdicas facilitarão a interação com crianças com níveis leves dentro do espectro autista, no contexto musicoterapêutico.

Rosalina G. Abadia, Ivany F. Medeiros, Fernando G. Abadia e Tereza Raquel M. Alcântara-Silva (2009). **Musicoterapia e Síndrome de Asperger: relato de experiência.** O artigo de Abadia, *et al* (2009) expõe alguns aspectos da Síndrome de Asperger e as possibilidades de intervenção por meio da improvisação musical com essa clientela. Relata a anamnese respondida pela mãe do participante, e o processo musicoterapêutico desenvolvido com o mesmo.

Gustavo Schulz Gattino (2009). **A Influência do Tratamento Musicoterapêutico na Comunicação de Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).** A dissertação de mestrado referiu-se a um ECR, a fim de verificar como o tratamento

12 Toque/massagem corporal proveniente da Análise Psico-Orgânica.

13 É primeiro contato que a criança tem com o meio e o faz através do corpo utilizando-o como instrumento de relação e interação. (MARTINS, R. 2014). Explicação elaborada pelas autoras: Araújo e Ansay (2015).

14 Expressões ocasionadas pela interação musicoterapêutica a partir de atividades com estímulos rítmicos e lúdicos

psicodinâmico¹⁵ atua na comunicação de crianças com TEA (Autista, Asperger e Transtorno Global do Desenvolvimento não especificado-TGD-NOS), conforme habilidades listadas na CARS-BR (*Brasilian Childhood Autism Rating Scale*)¹⁶

Clarisse Moura Prestes (2008). **Musicoterapia: estudo de caso de uma criança autista**. O artigo apresentou alguns aspectos da clínica musicoterapêutica no tratamento de uma criança autista a partir do retorno avaliativo da mãe e reflexão da pesquisadora, relatou sobre Escuta e Relações¹⁷ da pessoa com autismo e a Musicalidade Clínica do musicoterapeuta, bem como a relação do paciente com o terapeuta, a partir das experiências musicais compartilhadas.

Verificamos que os objetivos elaborados por Gattino (2009), Sposito; Cunha (2013) e Abadia *et al* (2009) foram similares, embora tenham utilizado abordagens diferenciadas. Sposito e Cunha, Abadia *et al* (2009) com objetivos clínicos procuraram desenvolver e melhorar a interação social, comunicação não verbal e expressão de conteúdos internos ou de sentimentos a partir das experiências sonoro-musicais: improvisação livre, recriação e instrumentos com timbres variados, bem como a utilização de outros elementos intermediadores e auxiliares de intervenção. Gattino (2009), o objetivo do seu trabalho foi investigar, por meio da pesquisa de ECR, como a abordagem psicodinâmica poderia ter efeito na comunicação verbal, não-verbal e social da criança com TEA; utilizou-se de experiências sonoro-musicais para intervir e interagir com a criança autista.

Prestes (2008) expôs o objetivo do seu trabalho com clareza, o retorno avaliativo da família no término do processo, por meio de uma entrevista exploratória aberta para identificar se os efeitos benéficos da musicoterapia foram extensivos à vida da criança (fora do ambiente musicoterapêutico), mas não descreveu a experiência sonoro-musical que possibilitaram esse resultado apresentado em sua pesquisa. Aragão (2014) relatou o delineamento metodológico e as experiências sonoro-musicais utilizadas no ambiente musicoterapêutico, mas não foi claro quanto aos objetivos trabalhados com a criança, além disso, a falta de clareza na definição de termos específicos dificultou o entendimento da leitura e conseqüentemente a compreensão do texto, de acordo com as autoras desse artigo.

15 Fundamentada no relacionamento e não em uma técnica específica (p.77)

16 Instrumento que permite medir diferentes tipos de comportamentos em distintos níveis de gravidade a pessoas com autismo (leve, moderado ou profundo)

17 Escuta: organiza a leitura do musicoterapeuta em relação a diversos eventos do paciente para possibilitar intervenções sonoro-musicais adequadas. Relações: experiências compartilhadas entre paciente–música– terapeuta no processo terapêutico.

Autor/data	Objetivos	Del. metodológico	Exp. sonoro- musicais
ARAGÃO, L. M. (2014)	Não apresentou clareza nos objetivos.	Estudo de caso; Criança; Um semestre; não apresenta número de sessões.	Expressões corporais e vocais; integração do toque com o canto.
SPOSITO, M. S; CUNHA, R. (2013)	Desenvolver a interação social; Incentivar a expressão e comunicação de sentimentos; Desenvolver capacidade de imaginação; Adequar comportamentos referente a limites.	Estudo de caso; criança; 6 encontros; não apresenta o período de atendimento.	Técnicas recriação; improvisação livre e paródia; atividades com estímulos rítmicos musicais e lúdicos: tocar instrumentos, movimentação corporal, brincar, cantar, dramatizar, contar histórias.
ABADIA, et al. (2009)	Melhorar o comportamento social, a comunicação verbal e a expressão de conteúdos internos.	Relato de experiência; menino; 8 anos; semanal; 45 min; 12 encontros.	Técnicas de improvisação musical. Instrumentos: harmônico, melódico e percussão de timbres variados; outros objetos auxiliares e mediadores: colchonetes, papel, giz de cera, desenhos da Disney.
GATTINO, G. S (2009)	Investigar os efeitos da musicoterapia psicodinâmica na comunicação verbal, não-verbal e social da criança com TEA.	ECR; 24 crianças; individual; 30min semanal; 20 sessões; 2 grupos: trat. Psicodinâmico experimental e trat. Controle.	Interação e intervenção musicoterapêutica a partir dos sons, voz, música e dos instrumentos musicais, iniciadas pelo paciente.
PRESTES, C. M (2008)	Verificar os benefícios da musicoterapia na vida de uma criança autista, a partir da avaliação da família, e quais ganhos no processo terapêutico foram extensivos à vida da criança.	Estudo de caso; criança; Ficha musicoterápica; 12 meses de atendimento (semanal); entrevista exploratória aberta e gravada ao final do período.	Não descreveu as experiências.

QUADRO 03 - Caracterizações dos trabalhos considerados adequados ao tema pesquisado. Fontes: Google Acadêmico; Revista Brasileira de Musicoterapia.

Musicoterapia improvisacional no atendimento a crianças com TEA

A musicoterapia improvisacional é uma abordagem que tem como foco de intervenção a improvisação musical; possibilita uma expressão musical livre, utilizando-se da voz, movimento corporal e instrumentos musicais. (GATTINO, 2012). Os trabalhos encontrados foram dois: Freire, Moreira e Kummer (2015); Figueiredo (2014);

Marina Freire, Aline Moreira e Arthur Kummer (2015). **Protocolo de atendimento de Musicoterapia Improvisacional musico-centrada para crianças com autismo.** O artigo investigou a utilização do protocolo de atendimento de musicoterapia improvisacional para avaliar o desenvolvimento do processo terapêutico de crianças autistas a partir da abordagem musico-centrada e pelos níveis de interação musical de El-Khoury (2003)¹⁸ das quais são: contato, espelhamento, sustentação, encorajamento, diálogo e improvisação livre.

Felipe Grahl Figueiredo (2014). **Musicoterapia Improvisacional Aplicada à Comunicação Pré-Verbal de Crianças com Transtorno do Espectro Autista: Ensaio Controlado Randomizado.** Inicialmente a dissertação abordou os modelos que são base da musicoterapia improvisacional (NORDOFF; ROBBINS; PRIESTLEY; BRUSCIA e ALVIN) como uma das principais abordagens utilizadas com a clientela com TEA (Autista, Asperger e Transtorno Global do Desenvolvimento não especificado-TGD-NOS). Para avaliação desta pesquisa utilizou-se da escala KAMUTHE¹⁹.

Os autores Freire; Moreira; Kummer (2015), a partir da abordagem musico-centrada e nos níveis de interação musical de El-Khoury elaboraram e investigaram um protocolo de avaliação (ainda em construção) para avaliar o desenvolvimento do processo terapêutico dos participantes, por meio de uma metodologia própria e elaborada por Freire (2015) e colaboradores. Figueiredo (2014), em seu ECR adotou a escala KAMUTHE para avaliar os efeitos da musicoterapia improvisacional em crianças com TEA. Nas duas pesquisas verificou-se que os participantes, na maioria, crianças, e as sessões individuais, com duração de trinta minutos cada. As experiências

18 El-Khoury sistematiza as 64 técnicas improvisacionais de Bruscia (1987) em seis níveis de interação musical, entre paciente e terapeuta.

19 KAMUTHE (Category system for Music Therapy) instrumento que avalia a comunicação de crianças com TEA ou deficiências múltiplas por meio da improvisação musical.

Autor/ data	Objetivos	Del. metodológico	Exp. sonoro-musicais
FREIRE, M; MOREIRA, A; KUMMER, A. (2015)	Investigar o protocolo de atendimento em musicoterapia improvisacional musicocentrada para avaliar o desenvolvimento do processo terapêutico.	Metodologia específica elaborada para a pesquisa relacionada; 10 crianças entre 03 e 06 anos; 15 sessões individuais; 30min semanais.	Canções de início e término da sessão; instrumentos musicais: melódico, harmônico, percussão e voz.
FIGUEIREDO, F. G. (2014)	Avaliar os efeitos da Musicoterapia Improvisacional na comunicação pré-verbal de crianças com TEA em comparação a uma situação grupo controle através da escala KAMUTHE; verificar os efeitos da Musicoterapia Improvisacional na capacidade em criar, olhar para a face do terapeuta e vocalizar, em crianças com TEA.	ECR aos pares; 10 participantes por grupo (6 e 17 anos) 10 sessões; individual; 30 min. duração	Canção de entrada e de despedida; atividades de improvisação musical (sonorização dos interesses da criança e uso de objetos como instrumentos, e improvisação com instrumentos musicais.

QUADRO 04 – Caracterizações dos trabalhos considerados adequados ao tema pesquisado. Fontes: Google Acadêmico; Revista Brasileira de Musicoterapia.

Musicoterapia aplicada no TEA: revisão sistemática

136

A revisão sistemática possibilita identificar temas que requerem evidências, bem como lacunas que necessitam de orientações para futuras investigações. (GALVÃO; SAWADA; TREVIZAN, 2004). Encontramos dois trabalhos utilizando esta metodologia: Brandalise (2013) e Gattino (2012)

André Brandalise (2013). **Musicoterapia Aplicada à Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): uma revisão sistemática**. O artigo apresentou e discutiu resultados obtidos, através da revisão sistemática, sobre a utilização da música com pessoas com TEA e aplicados por musicoterapeutas.

Gustavo Schulz Gattino (2012). **Musicoterapia aplicada à avaliação da comunicação não verbal de crianças com TEA: revisão sistemática e estudo**

de validação. A tese apresentou inicialmente uma revisão sistemática sobre o papel da improvisação musical e, em seguida, a tradução e validação da escala KAMUTHE, a partir de um estudo transversal²⁰.

Os autores Brandalise (2013) e Gattino (2012) propuseram, por meio de pesquisa de revisão sistemática, fazer um levantamento da aplicabilidade da musicoterapia no TEA. Gattino (2012) propôs verificar os efeitos da musicoterapia improvisacional a partir de pesquisas de ECRs e contribuiu com a tradução e validação da escala KAMUTHE, através do estudo transversal, bem como com a criação do protocolo para utilização dessa escala no Brasil. Brandalise (2013) verificou a aplicabilidade da musicoterapia com a clientela com TEA num período de 48 anos, identificou os tipos de intervenção, os resultados obtidos e os tipos de pesquisas mais utilizadas com essa população por meio de diversas fontes de busca.

Autor / data	Objetivos	Del. Metodológico	Exp. sonoro- musicais
BRANDALISE, A. (2013)	Apresentar e discutir resultados da aplicabilidade musicoterapêutica no TEA: métodos e tipos de intervenção (ativa, recreativa e receptiva); os resultados obtidos a partir da intervenção da musicoterapia com a pessoa com TEA; modelos e designs de pesquisa em musicoterapia com esta população.	Rev. Sistemática (1964-2012); Busca eletrônica em seis bases de dados; realizada pesquisa manual em três periódicos e na Revista Brasileira de Musicoterapia; consultadas Associações de Musicoterapia e instituições; estudos aceitos em português, espanhol, inglês e francês.	Não descreveu as experiências, pois não há uma intervenção direta com a clientela com TEA.
GATTINO, G. S. (2012)	Verificar os efeitos da improvisação musical em desfechos oriundos de ensaio controlados randomizados (ECRs) através de uma revisão sistemática; traduzir e validar para uso no Brasil a escala KAMUTHE.	Rev. Sistemática: período de 22 anos em 13 bases de dados; Escala KAMUTHE: estudo transversal.	Não descreveu as experiências, pois não há uma intervenção direta com a clientela com TEA.

QUADRO 05 – Caracterizações dos trabalhos considerados adequados ao tema pesquisado. Fontes: Capes; Revista Brasileira de Musicoterapia.

²⁰ Analisou as propriedades psicométricas de validade de conteúdo, validade discriminante, validade convergente e concordância entre avaliadores.

Autismo sob a visão psicanalítica no contexto musicoterapêutico

Os artigos a seguir apresentam uma interlocução entre os conhecimentos psicanalítico e musicoterapêutico; buscou-se compreender por meio da psicanálise as ações da criança autista dentro do *setting* musicoterapêutico. Três trabalhos foram encontrados: Cirigliano (2013); Cirigliano (2012) e Lopez (2010).

Márcia Maria da Silva Cirigliano (2013). **Voz na Clínica do Autismo: Análise de Discurso, Musicoterapia e Psicanálise**. Este artigo é um recorte de uma parte da tese de doutorado, que está em andamento, em que a autora busca aproximar os conhecimentos de musicoterapia e psicanálise no contexto musicoterapêutico. Fez articulações de três campos de conhecimento que utilizam conceitos distintos: Musicoterapia, Psicanálise - Jaques Lacan (2003 [1962]) - e a linha francesa da Análise de Discurso - Michel Pêcheux (2008 [1983]). Para tanto, abordou uma questão: música e psicanálise, o que se escuta? Descreveu um relato de experiência musicoterapêutica na tentativa de explicar esse contexto a partir dos campos acima mencionados.

Márcia Maria da Silva Cirigliano (2012). **Contribuições da análise de Discurso e da Psicanálise aos Discursos do autismo**. O artigo refere-se a um trabalho que apresenta elementos para a tese de doutorado da autora, revela o discurso do autismo “à luz da Análise de Discurso”; utilizou-se dos conceitos de discurso e de voz, segundo Michel Pêcheux (2008 [1983]) e Jacques Lacan (2003 [1962]), respectivamente. Para este trabalho, a autora problematizou uma questão e fez suas reflexões pelo viés psicanalítico, quando constatou que no atendimento musicoterapêutico existiam reações diferentes relacionadas à escuta de um CD e à fala dirigida ao paciente. Descreveu um fragmento clínico para explicar suas percepções.

Anna Lúcia Leão López (2010). **A escuta psicanalítica de uma criança autista**. Este artigo apresentou um relato de uma experiência com uma criança autista e expôs questões essenciais da clínica psicanalítica (fundamentada em Lacan, 1960 e Elia, 2005): “desejo do analista²¹, a construção de demanda na clínica com crianças autistas e a aposta de que existe sujeito autista”, utilizou-se da linguagem musical para possibilitar o comparecimento do sujeito²². Em resposta a essa questão, a clínica

21 Se constrói no processo analítico e está sustentado pelo ato de escuta e acolhimento da palavra ou do ato do sujeito (LÓPEZ, 2010. p.2)

22 Ocorre por meio de uma palavra ou frase apresentadas como resposta em uma pergunta direcionada ao paciente.

psicanalítica revela a eficácia da linguagem musical, na qual torna possível identificar o lugar do sujeito²³ no campo da linguagem, portanto cabe ao analista estar atento à escuta dessa ação.

Ambos os trabalhos de Cirigliano (2013 e 2012) apresentaram objetivos relacionados à proposta da tese de doutorado que visou examinar e analisar os discursos da criança autista sob a ótica da psicanálise. A autora, a partir da prática musicoterapêutica, construiu um mosaico sonoro²⁴ junto com o paciente, para observar as diferentes escutas (fala dirigida à criança e de um CD) da criança autista, sob a visão musicoterapêutica e psicanalítica, e responder os objetivos estabelecidos.

Autor / data	Objetivos	Del. Metodológico	Exp. sonoro- musical
CIRIGLIANO, M. M. S. (2013)	Analisar diversas falas acerca da criança; adolescente autista, examinando a rede discursiva presente na clínica do autismo.	Relato de experiência; 10 anos; individual; semanal ao longo do período letivo.	Piano; voz (produção musical em torno de gritos e balbucios).
CIRIGLIANO, M. M. S. (2012)	Examinar os diversos discursos que se entrelaçam na clínica do autismo.	Relato de experiência; 13 anos; individual; semanal ao longo do período letivo.	Piano; voz (canto).
LÓPEZ, A. L. (2010)	Investigar sobre a importância do desejo do analista na clínica psicanalítica com autistas.	Relato de experiência; 9 anos; individual. Não apresenta periodicidade de atendimentos.	Improvisação melódica; voz (canto); violão.

QUADRO 06 – Caracterizações dos trabalhos considerados adequados ao tema pesquisado. Fontes: Capes; Google Acadêmico.

López (2010) propôs em seu trabalho: investigar, a partir do desejo do analista, *como* e o *que* se escuta de um autista e utilizou-se da improvisação musical como ferramenta de aproximação. Esta experiência possibilitou as expressões (verbal e não verbal) da criança e o seu lugar de sujeito. Em suas considerações descreveu que o autista está no campo da linguagem e que muitas vezes esse comparecimento ocorre através de atos²⁵.

23 O lugar do sujeito está no devir, segundo a psicanálise, o sujeito não existe a priori, mas é constituído na relação com o outro.

24 Cada fragmento sonoro criado pelo paciente utilizando-se dos elementos musicais (ritmo, melodia, voz e acordes), é organizado musicalmente pelo terapeuta.

25 “Ato de tocar sua genitália, ato de sorrir, ato de caírem os ombros, o ato do olhar, foi possível enxergar algo singular do sujeito e desconectado da Estereotipia”. (p.6).

Cirigliano (2013; 2012) e López (2010) se diferenciam em seus objetivos, enquanto Cirigliano analisou os diversos discursos na clínica do autista e observou as reações distintas a partir de diferentes escutas (CD e fala dirigida ao paciente), López investigou a escuta do analista para reconhecer o autista no campo da linguagem.

Musicoterapia vibroacústica (MTVA) no tratamento da síndrome de Rett

A MTVA utiliza um equipamento de sons para produzir vibrações sonoras puras de baixa frequência aplicadas diretamente ao corpo do cliente. A produção encontrada refere-se ao trabalho desenvolvido por Carrer; Lira (2012).

Luiz Rogério Jorgensen Carrer; Vanessa Silva Lira (2012).

Musicoterapia Vibroacústica na Associação Brasileira de Síndrome de Rett (Abre-te/SP)²⁶. Inicialmente o artigo descreve sobre a Síndrome de Rett (transtorno de Rett, DSM-V) e a musicoterapia nessa área, apresenta autores que descreveram experiências dessa prática clínica (PEREIRA, 1995; OLIVEIRA, 2003; LEINIG, 2009; AMOROSINO, 2006 e WIGRAM, 2002). Relatou sobre a fabricação da cadeira vibroacústica da Abre-te/ SP e a sua aplicação prática. Em seguida abordou relatos de casos para ilustrar os benefícios alcançados no tratamento da síndrome de Rett com a Musicoterapia Vibroacústica – MTVA.

Autor / data	Objetivos	Del. Metodológico	Exp. sonoro- musical
CARRER, L. R. J; LIRA, V. S. (2012)	Ilustrar os resultados da musicoterapia Vibroacústica no tratamento da síndrome de Rett.	Relatos de caso; 2 meninas; 12 e 14 anos; 60 e 69 sessões (2 anos atendimento); média de 25min a sessão; individual.	Receptivas: audição, execução e recriações musicais do repertório das pacientes. Atividades de interação musical com instrumentos de percussão de menor porte, violão e teclado.

QUADRO 07 – Caracterizações dos trabalhos considerados adequados ao tema pesquisado. Fonte: Anais - XIV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia.

As participantes dessa pesquisa foram duas meninas, de 12 e 14 anos, atendidas individualmente com duração, em média, de 25 min cada sessão de MTVA. As experiências sonoro-musicais receptivas foram elaboradas a partir do repertório

²⁶ Associação Brasileira de Síndrome de Rett do Estado de São Paulo.

das participantes e incluídas atividades de interação musical, com instrumentos de timbres diversos. A ilustração dos resultados obtidos com a MTVA foi descrita a partir das sessões num período de dois anos de atendimento. Como resultados relevantes apresentou melhoras corporais específicas: tensão diminuída e relaxamento, promoveu prazer e bem estar. As evidências foram observadas pelos pesquisadores, pela equipe multidisciplinar e pela coordenadora da Abre-te/SP. A pesquisa indicou a necessidade de mais investigações nessa área com maior número de participantes e com grupo controle.

Experiências musicoterapêuticas no TEA: teoria, prática e teatro

Foi encontrado um livro na íntegra, que aborda a musicoterapia e o autismo (GATTINO, 2015), e um capítulo de um livro que apresenta a possibilidade integrativa da musicoterapia e o teatro a indivíduos com TEA. (BRANDALISE, 2013).

Gustavo Schulz Gattino (2015) **Musicoterapia e autismo: teoria e prática:** em seu livro, Gattino apresentou os resultados das experiências em pesquisas e prática clínica na área da musicoterapia com autismo, desenvolvidos ao longo de sua carreira profissional como musicoterapeuta. Propôs uma discussão teórica com o intuito de desenvolver novos pensares e investigações nesta área. O livro é específico da área de musicoterapia e contribui para os que atuam nessa área, mas também pode ser direcionado a outros interessados desse campo de conhecimento.

André Brandalise (2013). **A Musicoterapia e o Teatro: uma proposta de intervenção social e profissionalizante do indivíduo com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) (estudo e prática de Musicoterapia musicocentrada).** No capítulo do livro, Brandalise descreveu o desenvolvimento de um projeto no qual permitiu integrar os conhecimentos adquiridos no teatro e na musicoterapia, e viabilizou a inserção social e profissionalizante dos jovens adultos com TEA, possibilitou a cada participante o seu papel dentro do contexto teatral a partir de um processo (terapêutico) e de trabalho do teatro. Propôs uma reflexão sobre as possibilidades que a musicoterapia oferece para se trabalhar com essa clientela fora do *setting* musicoterapêutico.

Ambos os trabalhos apresentaram a abrangência de conhecimentos: musicoterapêutico e teatral como possibilidades de intervenção musicoterapêutica, e a eficácia da musicoterapia no atendimento a pessoas com autismo.

Discussão

Nos trabalhos analisados identificamos que alguns autores especificaram o transtorno envolvido em suas pesquisas quando utilizaram a terminologia TEA, outros trabalhos abordaram de uma forma mais diretiva, como por exemplo: Asperger e Rett. Isto pode ser justificado pelo fato das pesquisas terem sido realizadas antes da nova classificação do DSM-V – (2014), e atualmente são entendidos somente como TEA.

Em relação aos objetivos clínicos apresentados nos trabalhos foram identificadas as possíveis formas de aplicabilidade musicoterapêutica com a clientela com TEA. Nos trabalhos de Sposito; Cunha (2013) e Abadia (2009), os objetivos se aproximaram quando visaram desenvolver e melhorar o comportamento social e a expressão de conteúdos internos. Cirigliano (2012; 2013), em suas produções, buscou compreender o discurso da criança autista sob a ótica da psicanálise no ambiente musicoterapêutico, enquanto o objetivo de López (2010), foi investigar a escuta do próprio analista em relação à criança autista.

Sob a visão da psicanálise existe o questionamento sobre qual seria o lugar o sujeito (autista) no campo da linguagem, pois se o sujeito passa a existir na constituição da relação com o outro a partir do discurso, então, a psicanálise busca compreender o lugar do autista neste campo, uma vez que, o autista não apresenta um discurso formado, em comparação ao desenvolvimento da linguagem de uma criança sem autismo.

Os demais trabalhos, exceto de Aragão (2014), que não apresentou clareza na sua proposta, apresentaram objetivos variados caracterizando-os de acordo com a especificidade de cada pesquisa.

Salientamos que é de grande relevância deixar claros as propostas ou os objetivos em um trabalho ou artigo científico, bem como a definição de termos específicos, para que haja melhor entendimento das pesquisas desenvolvidas. Os objetivos bem definidos, de certa forma, sintetizam as pesquisas, e junto com uma linguagem científica precisa, informam a intenção do pesquisador e direcionam o leitor para uma leitura confortável e compreensível de todo o trabalho.

A respeito do delineamento metodológico ficou evidenciada a prevalência de estudos de casos e relatos de experiências. As modalidades dos atendimentos, em sua maioria, foram individualizadas com duração média de trinta minutos. Foi observado

que, exceto o trabalho de Brandalise (2013), que teve como proposta a intervenção social e profissionalizante com adultos jovens, as pesquisas desenvolvidas foram com crianças e adolescentes.

Ao analisar esse prevalectimento, mais de 93% dos trabalhos realizados com crianças e adolescentes com TEA, podemos supor que a musicoterapia tem um foco maior nessa faixa etária, pelo menos na literatura, do que em adultos nessa mesma condição.

Diante dessa constatação questionamos o porquê desse distanciamento da musicoterapia com pessoas adultas com TEA. Existem maiores dificuldades para intervir com essa clientela nessa faixa etária? Quais seriam? Caso haja trabalhos realizados e pesquisas desenvolvidas nesse contexto, então quais seriam os impedimentos encontrados para expô-los e publicá-las?

Ora, se no ambiente musicoterapêutico existem crianças autistas que se encaminham para uma adolescência com autismo, obviamente que o adulto continua sendo um autista dentro desse mesmo contexto. A musicoterapia não deve se restringir somente a crianças e adolescentes autistas. E compete a nós, musicoterapeutas, aproximarmos dessa realidade.

Quanto às experiências sonoro-musicais, os trabalhos que descreveram os tipos de intervenções que utilizaram em suas experiências, foram utilizados instrumentos diversos: melódico, harmônico, percussão, vocal, corporal, além de outros objetos auxiliares e mediadores das intervenções musicoterapêuticas, dentre eles, papel, giz de cera, colchonetes e desenhos da Disney.

O leque de possibilidades de intervenções e objetos (musicais e não musicais) utilizados nas experiências sonoro-musicais podem facilitar a proximidade do participante autista junto ao musicoterapeuta. A exemplo disso, no trabalho de Abadia *et al* (2009), que utilizaram outros elementos mediadores de interação (papel, giz de cera e desenhos da Disney) para que o participante se sentisse acolhido no setting terapêutico, sendo este ato a essência que possibilitou o desenvolvimento do processo musicoterapêutico.

Embora o nosso instrumento de trabalho esteja associado a música e seus elementos (melodia, harmonia, ritmo, timbres, entre outros), por vezes, as intervenções com pessoas autistas não ocorrem inicialmente pelo esse viés, mas por elementos

não musicais. Portanto, deve o musicoterapeuta estar atendo ao envolvimento do participante no *setting* para saber intervir de forma adequada com estratégias assertivas dentro das experiências musicoterapêuticas.

Independente das abordagens utilizadas (musicoterapia psicodinâmica, musicoterapia improvisacional, modelo músico-centrado e psicanalítica) a experiência sonoro-musical que mais se destacou foi a de improvisação musical e se caracterizou como uma ferramenta fundamental no atendimento a crianças com TEA. Craveiro de Sá (2003) e Gattino (2015) ressaltaram que este tipo de intervenção possibilita a expressividade: vocal, corporal, instrumental e a abertura de canais de comunicação na vida da criança autista.

Embora concordemos com os autores, consideramos ainda que a improvisação musical poderá ser facilitadora se o musicoterapeuta tiver uma escuta apropriada para perceber a ação da criança com TEA e intervir em conformidade com a exposição dos elementos, atos e necessidades apresentados por essa criança. Acrescentamos ainda que nesta ação é possível intervir por meio das experiências sonoro-musicais e, a partir disso, torna-se possível uma interação relacional com o autista. Interação que vai além do verbal e possibilita um espaço favorável e seguro para que a criança com autismo se desenvolva de acordo com suas particularidades.

Mesmo que esta produção não tenha focado nos resultados dos trabalhos pesquisados, verificamos que as intervenções musicoterapêuticas realizadas, ora relatadas nos estudos de caso, ora nos relatos de experiências, indicaram alguns favorecimentos: tensão diminuída e relaxamento, prazer e bem estar, abertura de canais de comunicação influenciadas positivamente com a musicoterapia improvisacional. Para as pesquisas de ECRs, os autores relacionados sugeriram futuras investigações com um número maior de amostras e tempo de investigação estendida, para que os resultados positivos encontrados em suas pesquisas não fossem subestimados.

Considerações finais

Considerando o panorama nacional das publicações de musicoterapia a respeito do TEA, podemos afirmar que a presente pesquisa alcançou o objetivo proposto, bem como, o interesse das pesquisadoras em identificar os trabalhos realizados com a clientela com TEA, no período de 2005 a julho/2015.

Foi observado que as pesquisas têm se desenvolvido no Brasil em busca de reconhecimento nessa área, mas ainda existe uma escassez de publicações. Mesmo que o recorte desta pesquisa tenha ocorrido no período de dez anos (2005 a 2015) podemos considerar uma carência na sua totalidade, quando bem lembrado que o primeiro estudo registrado no país com crianças com TEA ocorreu na década de 1980, conforme mencionado nesse trabalho.

Embora existem poucas pesquisas realizadas, as que se apresentaram neste trabalho permitiram reconhecer a aplicabilidade da musicoterapia com crianças e adolescentes com TEA, mas reconhecemos que existem necessidades de ampliar esta prática musicoterapêutica com adultos e em campos que oportunizam a inserção da musicoterapia.

Também ficou evidenciado os tipos de intervenções que potencializaram os atendimentos às crianças com TEA com destaque para a improvisação musical, que é experiência que se confirmou entre as demais, independente da abordagem escolhida.

Mesmo com poucas publicações, esperamos que o presente estudo colabore para divulgar aos interessados nessa área, musicoterapeutas em formação e profissionais habilitados, os trabalhos realizados e as possíveis pesquisas que poderão ser desenvolvidas ou replicadas com maior número de amostras com pessoas com TEA, bem como a outros profissionais que tenham interesse em conhecer os trabalhos realizados em musicoterapia com essa clientela.

REFERÊNCIAS

- ABADIA, *et al.* Musicoterapia e Síndrome de Asperger: relato de experiência. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, n 9, s/ página, ano XI, 2009.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.
- ARAGÃO, L. M. O envelope Sonoro e o Palming: a integração entre o toque e o canto como base da relação com uma criança autista. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, n 16, p. 78-86, ano XVI, 2014.
- BRANDALISE, A. Musicoterapia Aplicada à Pessoa com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA): uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, n. 15, p. 28-42, ano XV, 2013.

_____ A Musicoterapia e o Teatro: uma proposta de intervenção social e profissionalizante do indivíduo com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) (estudo e prática de Musicoterapia musicocentrada). In: CARLO, S. (org.). **Autismo, Educação e Transdisciplinaridade**. 1ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

BRUSCIA, K. E. **Definindo Musicoterapia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CARRER, J. L. Luiz; LIRA, V. S. Musicoterapia Vibroacústica na Associação Brasileira de Síndrome de Rett (Abre-te/SP). In **XIV Simpósio Brasileiro de Musicoterapia, XI Fórum paranaense de musicoterapia e XII Encontro Nacional de Pesquisa em Musicoterapia**. Olinda, 2012. Disponível em <<https://goo.gl/xHMYvZ>>. Acesso em: 30/07/2015.

CIRIGLIANO, M. M. S. Contribuições da análise de Discurso e da Psicanálise aos Discursos do autismo. In **Anais do I Seminário Interno de Pesquisas do Laboratório Arquivos do Sujeito**. Niterói, 1, p. 93-101, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/3WZOE3>> Acesso em 20/07/2015.

_____ Voz na Clínica do Autismo: Análise de Discurso, Musicoterapia e Psicanálise.

Anais do II Seminário Interno de Pesquisas do Laboratório Arquivos do Sujeito. UFF, Niterói, 2, p. 89-96, 2013. Disponível em: <<http://goo.gl/07Sa0n>>. Acesso em: 20/07/2015.

COSTA C.M. A especificidade da Musicoterapia e a identidade do Musicoterapeuta. In: **XI Fórum Paranaense de Musicoterapia e IX Encontro Nacional de Pesquisa em MT**, Biblioteca da Musicoterapia Brasileira, 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/WnSfRU>>. Acesso em 13/10/2015.

_____ Musicoterapia e Autismo. **Jornal Médico de Família**. Portugal, out. 1992 – nº49.

COSTA, C. M. A; CARDEMAN, C. Musicoterapia no Rio de Janeiro 1955 – 2005. **Biblioteca da Musicoterapia Brasileira**, 2006. Acesso em: 13/10/2015. Disponível em: <<http://goo.gl/jTy4cj>>.

CRAVEIRO DE SÁ, L. **Ateia do tempo e o autista: música e musicoterapia**. Goiânia: Ed. UFG, 2003.

FIGUEIREDO, F. G. **Musicoterapia improvisacional aplicada à comunicação pré-verbal de crianças com transtornos do espectro autista: ensaio controlado e randomizado**. 128f. Dissertação (mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente). Programa de pós-graduação.

Saúde da Criança e do Adolescente. Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/VvqQAt>>. Acesso em: 13/07/2015.

FREIRE, M; MOREIRA, A; KUMMER, A. Protocolo de atendimento de Musicoterapia Improvisacional musico-centrada para crianças com autismo. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, n 18, p. 104–117, ano XVII, 2015.

GATTINO, G. S. **A Influência do Tratamento Musicoterapêutico na Comunicação de Crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)**. 119 f. Dissertação (mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente) Programa de Pós-Graduação, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/16859>>. Acesso em: 12/07/2015.

Musicoterapia aplicada à avaliação da comunicação não verbal de crianças com TEA: revisão sistemática e estudo de validação. 180 f. Tese (Doutorado em Saúde da Criança e do Adolescente). Programa de Pós-Graduação, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://www.periodicos.capes.gov.br/>>. Acesso em: 15/07/2015.

Musicoterapia e autismo: teoria e prática. São Paulo: Memnon, 2015.

GALVÃO, C.M, SAWADA, N.O, TREVIZAN, M.A. Revisão sistemática: recurso que proporciona a incorporação das evidências na prática da enfermagem. **Rev. Latino-am Enfermagem**, 12(3):549-556, maio-junho, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v12n3/v12n3a14>>. Acesso em: 28/10/2015.

LÓPEZ, A. L. **A escuta psicanalítica de uma criança autista**. Estudos de Psicanálise, Aracaju, n. 34, p.13-20, 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/gSBgOy>>. Acesso em: 28/07/2015.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M; **Técnicas de Pesquisa: 5ª Ed**. São Paulo. Atlas, 2003.

Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisas; amostragens e técnicas de pesquisa; elaboração, análise e interpretação de dados. 6º Ed. São Paulo. Atlas, 2007.

MARTINS, R. O Corpo como Primeiro Espaço de Comunicação O Diálogo Tônico-Emocional no Nascimento da Vida. **Revista do Serviço de Psiquiatria do Hospital Prof. Doutor Fernando Fonseca, EPE**, n 1, p. 34 – 43, vol 13, 2015.

PRESTES, C. Musicoterapia: estudo de caso de uma criança autista. In: **XVII Encontro Nacional da ABEM**. 2008, São Paulo. Disponível em: <<https://goo.gl/i6s2gl>>. Acesso em: 12/07/2015.

RAPOSO, C. C. S; FREIRE, C. H. R; LACERDA, A.M. O cérebro autista e a sua relação com os neurônios-espelho. **HumanAE. Questões controversas do mundo contemporâneo**, n. 9, s/p, v. 2, 2015. Acesso em 17/07/2015. Disponível em: <<http://goo.gl/EbHRTH>>.

SPOSITO, M. S. Musicoterapia para Angel. Autismo, Ritmo e um Espaço-Tempo de Ser.
Revista Brasileira de Musicoterapia, n 14, p. 15 – 29, ano XV, 2013.

Recebido em: 26/04/2016

Aceito em: 15/07/2016